

**Sacanagens poucas**  
*não são bobagens*



*Dalton Miranda*



**Sacanhagens  
poucãs  
não são bobagens**



Brasília, 2013

Copyright © Dalton Miranda / 2013

LER Editora Ltda.  
SIG Quadra 04 Lote 283 – 1º Andar  
Tel.: (61) 3362-0008 – Fax: (61) 3233-3771  
lereditora@lereditora.com.br  
www.lereditora.com.br



Editor  
Antonio Carlos Navarro

Autor  
Dalton Miranda

Projeto gráfico e diagramação  
Samuel Tabosa de Castro

Revisão:

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida  
por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Obra em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Dalton.

Sacanagens poucas não são bobagens / Dalton Miranda . — Brasília:  
LER Editora, 2013.

58 p. 21 cm.

ISBN: ISBN 978-85-64898-53-0

1. Literatura Brasil. 2. Poesia; II. Título.

---

CDU 82-93

I

Namaste, para quê?  
Peace, nem por um triz  
Paz, com antraz  
*Eita* mundo incapaz



II

A parteira  
Pariu parindo pela parteira  
Parindo pariu  
Putá que pariu!



### III

O rego teu  
É o descarrego meu  
Crente ou ateu  
Não importa quem fudeu



## IV

Uma bunda  
Que em sonho abunda  
Tão profunda  
Bela e rotunda



## V

Ontem, aos 18 era:

– Cara, sinto, mas agora é por sua conta

Hoje, aos 18:

– Filho, tua cama vai estar sempre pronta



## VI

Ela empinou a rabeta  
Opa, que isso é coisa do capeta  
Sem medo de careta  
Meti-lhe a vareta



## VII

Em pé na varanda  
Ela chupando manga  
Somente com fina tanga  
Ah, comeria sua moranga



## VIII

Chulo e libidinoso  
Amor gostoso e teso  
Se não rezo como casto  
Corro pra te dar um amasso



## IX

Mão naquilo  
Aquilo na mão  
A carola não se enrola  
Quando dá tratos à bola



**X**

Rima com sexo  
Parece algo sem nexo  
Mas é na cama que encena o drama  
Do fato ao ato complexo



## XI

Ele é o cara  
Pois das caras que conheceu  
Uma coisa resolveu  
Toda tara quando com elas fudeu



## XII

Toda montada  
No tamanco e purpurina  
Menino ou menina?  
Não importa, é dona de língua ferina



### XIII

O cu curioso  
Sem culpa e atolado  
Cuspiu até no diabo  
Enquanto cutucado



## XIV

Cri, cri, cri  
Faz o grilo  
A dona do grelo  
Só ri, ri, ri



## **XV**

Ao dar espaço  
Com palavras e cansaço  
Busco e ultrapasso  
Os limites para romper teu cabaço



## XVI

Que tal a *periguete*  
Montada no corpete  
Que na hora “H”  
Nega-lhe a boquete



## XVII

Chorando escorrego  
Lento por teus regos  
Chama-me lascivo  
Que nada, entrego-me a ti vivo



## XVIII

Profana  
Mas não me enganas  
Te assanhas  
Conheço tua sanha



## **XIX**

O tarado afobado

Antes do ato

Acabará envergonhado

Pois que ficou só e gozado



**XX**

Somente brota  
A bela xota  
Após boa piroca  
Deliciosamente proposta



## XXI

Pinto a puta  
A puta quer pinto  
Enquanto a defino com o pincel  
*Traço-lhe o anel*



## XXII

A mulher casada  
Para o marido está cansada  
Para o jovem, entretanto  
Fica toda molhada



## XXIII

O ébano da mão peluda  
Não e lobisomem  
Nem o lambe homem  
Comedor da patroa carnuda



## XXIV

Senta escoreita  
A (bu) ceta mina porreta  
Na (ca) ceta desse tretra  
Sem fazer careta



## XXV

Tons estão na moda  
Literatura para animar  
A mulherada necessitada  
Carente d'uma boa chinelada



## XXVI

Dar prazer

Ter prazer

Sinônimos de poder

Poder a quem sabe satisfazer



## XXVII

Tem quem curta luta de espadas  
Tem quem aprecie luta na mãozada  
Tem quem curta não lutar  
Curto a pelada



## XXVIII

Fico de cara amarrada  
Quando as doidas  
De caras safadas  
Ficam de pernas cruzadas



## XXIX

A mulher te julga  
Os amigos insultam  
Você se culpa  
Ah, a puta, a ti se subjuga



**XXX**

A pornografia é para o real

A fotografia

Para o normal

De algum ideal



## XXXI

Orgia é terra de ninguém  
Onde quem vai também vem  
E a suruba só acaba  
Quando todo mundo desaba



## XXXII

Da ação e reação  
Temos tensão na fricção  
Na consumação quase morro  
De tanto gozo e tesão



### XXXIII

O falso culto  
Reclama seguidores em culto  
Para manter-se impoluto  
Por trás de mero vulto



## XXXIV

O compasso aberto

A régua em riste

Para a matemática não dão vez

Quando  $1+1$  pode resultar 3



**XXXV**

Baixo  
Calado  
Facho  
Tarado



## XXXVI

Uma punheta  
Não vale mais que uma boa buceta  
Mas uma bela buceta  
Vale sim uma boa punheta



## XXXVII

Na frente e por trás  
Por cima e abaixo  
Oferece-me os orifícios que tem  
A dama sem desdém



## XXXVIII

Como casca de noz  
É o jovem amor  
Como ressaca de nós  
É a velha dor



## XXXIX

Quem tem juízo  
Não toma prejuízo  
Toma sim prejuízo  
O fraco de juízo



## **XL**

Deito a pena  
No roto papel  
Contra peso pena  
Doutores de anel



## XLI

A dor que sinto  
Não minto  
Não tem nome  
É alma com fome



## **XLII**

Bicha, bicho

Grita, grilo

Esbaldando, fumando

Cada qual segue levando



## XLIII

Mudo quando escuto  
Surdo quando surto  
Vivo no absurdo  
Do teu ser obscuro



## XLIV

Shout and scream  
For a shot of ice cream  
Not a dream  
Just a sin



## **XLV**

Dar um bote no mote  
É dor na sorte  
Sangrar sem corte  
Viver a morte



## **XLVI**

Vermelho, azul

Azul, vermelho

Não importa (a ideologia)!

Com (e no) poder, todos ficam Cinza



## CARA NO CHÃO

EU

Bom, não ouvi, nem vi nada  
O tapa foi forte, mão cheia  
Quando dei por mim  
‘tava de cara no chão

ELE

Bem, não senti, nem pensei em nada  
Espalmei e mandei a tapa  
Quando me aprumei  
O cara ‘tava no chão



EU

O cheiro de urina era forte  
Ainda fresco e seco no meu rosto quente  
Da mãozada ou do chão úmido  
Enchi as calças

ELE

A coisa toda ia demorar  
Calor e muita cerveja  
Não me aguentei  
Urinei no chão cimentado



EU

Meus pulsos doíam  
Talvez não mais que toda humilhação da alma  
O cubículo estava escuro  
Ou pelo menos assim me pareceu

ELE

Amarrei bem apertado  
Até assar a carne branca  
Soquei os olhos até fechar  
E ver o sangue jorrar



EU

Ao longe gritavam coisas que não entendia

Repetiam e repetiam

Baluciei

Até o dente pelo beijo escorregar

ELE

Eu entendia o que ouvia

Mas não ouvia o que respondia

Chutei

Até a boca melar



EU

Um telefone tocou  
Dos antigos, caixa preta e de discar  
Fio grosso e desencapado  
Hora de morrer

ELE

O celular tocou  
Imitando os clássicos  
Alguns alôs e a negação  
Hora de viver



EU

O corpo todo dói  
Sol quente, terra e capim  
Corpo torturado  
Sigo em frente sem perguntar

ELE

A mente corrói  
Calor e suor cobrem o peito nu  
Volto-me para trás em solidão  
Sinto que dei com a cara no chão

